

Bobo Hill – O paraíso é na terra: reflexões sobre fotografia e alteridade

Daniela Paoliello¹

Resumo: O artigo parte de um relato etnográfico sobre o processo de produção da série fotográfica “Bobo Hill – O paraíso é na terra”. A pesquisa realizada na comunidade rastafári “Bobo Hill”, localizada em Bull Bay (Jamaica), joga luz sobre questões ligadas à construção de trabalhos visuais com a alteridade, refletindo sobre possíveis caminhos e potências.

Palavras-chave: Fotografia; Rastafári; Alteridade; Etnografia.

Bobo Hill – Heaven is on Earth: reflections on photography and otherness

Abstract: The article is based on an ethnographic account of the production process of the photographic series “Bobo Hill – Paradise is on Earth”. The research carried out in the Rastafarian community “Bobo Hill”, located in Bull Bay (Jamaica), sheds light on issues related to the construction of visual works with otherness, reflecting on possible paths and powers.

Keywords: Photography; Rastafari; Otherness; Ethnography.

¹ Daniela Paoliello é artista visual e doutora em Artes pelo PPGARTES, UERJ. Autora dos livros Exílio e Que horas são no paraíso?. Nos últimos anos vem desenvolvendo sua pesquisa em torno da experiência da perda de si como método no processo criativo fotográfico. Email: danielapaoliello@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2346-8397> ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5413528453662736>; Belo Horizonte, Brasil



Figura 1

Portão de entrada da comunidade de Bobo Hill. Fonte: A autora, 2019.

Bless my Lord.

Bless Empress. Wait here. Mi going to call Empress Sharon fi check on yuh.

Give thanks my lord.

She is coming. Go fi di other entrance. And wait in di women's room.

Ok, my lord.

Bless Empress.

Bless Empress. When did yuh had yuh last period?

In July 17.

Ok. Wait, mi going to pick something fi check yuh.

Em uma casinha de madeira, quente e escura, infestada de pernilongos, aguardo enquanto Empress Sharon, uma senhora de idade, vai buscar algo para me checar. Eu não fazia ideia de como ela verificaria se eu estava menstruada ou não, e receava que não me deixassem entrar. Vinte minutos depois ela retornou com um calendário dos anos 90 na mão e contou os dias, um a um, para ver se eu estava “impura” ou se eu podia adentrar o acampamento Bobo Shanti. “Yuh are free to go around. Yuh can come

to di *Sabbath*. Do yuh have a long skirt?”¹, ela pergunta. Eu digo que não. Então ela pede que eu espere mais um tempo na cabana de madeira e retorna com um pano longo para amarrar em minha cintura, simulando uma saia, e um pedaço de tecido para cobrir meus cabelos.

Ansiosa para conhecer o mais importante acampamento Rastafári de ordem Bobo Shanti do mundo segui para a porta principal onde meu companheiro me esperava. Entramos na recepção, uma pequena casa de madeira pintada nas cores Rastafári, repleta de fotos, posters e folhetos. Reverenciamos o Priest² Sheppard, e fizemos uma oração virados para o leste. Eu copio meu companheiro, que faz o sinal da trindade³ com a mão, e então um dos sacerdotes me corrige, mostrando que eu deveria colocar a mão esquerda sobre o coração. Os homens rezam, em voz alta, cada um a sua vez. Eu permaneço em silêncio. Um homem armado atravessa a comunidade ao fundo. Seguimos a oração e ao final todos dizem juntos com uma voz grave que vibra pela sala: *Holly Emanuel !! Jah Rastafári!* Eu não sabia se eu podia repetir a frase, se mulheres podiam falar, se brancos podiam falar. Fico calada. Está 40 graus, eu transpiro pelo pano que cobre minha cabeça.

Placas, bandeiras e posters com palavras de ordem cobrem as paredes do camping: *Black Supremacy, Black Christ, Selassie I, Rastafari Repatriation Redemption, Woman Liberation League, Zion, Ethiopia*. Uma Bíblia com páginas arrancadas⁴. Sobre o chão de terra vermelha batida, ergue-se, do lado externo do acampamento, o tabernáculo: uma grande estrutura inacabada de cimento, com pilastras e largos vãos de janela, onde todos os sábados é realizada a celebração do *Sabbath*. Vejo outro Priest se aproximar, vestindo uma túnica azul e a cabeça coberta por um turbante, conforme prescrevem as escrituras a todos os ordenados na ordem Bobo Shanti.

1 Tradução livre: “Você está livre para circular. Você pode vir ao Sabbath. Você tem uma saia longa?”

2 Sacerdote

3 Trinity

4 Alguns Bobo Shanti arrancam da Bíblia as páginas de texto que eles consideram irrelevantes para a doutrina.

Meu companheiro já frequentava o acampamento há um mês. Ele realizava ali seu trabalho de campo sobre a culinária rastafári, denominada *Ital*, e mediu minha chegada. Apesar de não ser jamaicano e das inúmeras dificuldades de acessar alguns espaços, ele é negro, o que facilita sua recepção pela comunidade.

Seguimos circulando pelo *camping*. Eu seguro a saia improvisada, ando com a cabeça baixa, evito contato visual com os homens e falo baixo. Não sei me portar, desprovida de qualquer fluência cultural. Meus ombros estão tensos, eu tento interpretar os códigos corporais. Tenho medo de errar, transgredir alguma regra. Decido não tirar a câmera da bolsa. O sol continua forte. O acampamento está vazio, e decidimos descer de volta para Bull Bay.

Um dos princípios mais centrais da cosmologia Rastafári refere-se à construção da noção de *Paraíso*. Para os Bobo Shanti, não há outra dimensão pós-vida, e o Paraíso é na Terra. Aquele que seguir corretamente todos os preceitos Rastafári – a dieta *Ital*⁵, prescrições sexuais e comportamentais – têm direito à vida eterna. A morte não está ligada a nenhum tipo de redenção ou passagem, e significa o fim da vida física e espiritual. A terra prometida é *Zion*, o continente africano, de onde a população negra escravizada foi apartada. O acampamento em Bobo Hill funciona como um espaço de passagem, de replicação da *Zion* e, não por menos, também é conhecido como *Zion Hill*.

Bobo Hill se encontra na região montanhosa de Bull Bay, a 9 milhas da cidade de Kingston. Fundada em 1978 pelo líder Emmanuel Charles Edward (mais tarde chamado King Emmanuel), a comunidade reúne os praticantes do movimento Rastafári em torno de uma leitura afrocentrada do Antigo Testamento e de outros textos bíblicos. De acordo com os Bobo Shanti, o povo negro são os verdadeiros israelitas e seu messias Jesus é negro, chamado de Negus ou Black Christ. A história contada na Bíblia sobre a perseguição dos israelitas pelos romanos é, segundo os Bobo Shanti, uma alegoria do processo de escravidão sofrido pela população negra. Nesse sentido, o verdadeiro messias é negro, assim como seus filhos perseguidos (FREITAS, 2018).

5 *Ital* é um modo de vida ligado a uma série de prescrições e modos de ser e existir no mundo. Mais do que um conjunto de regras e proibições o *Ital* é um princípio organizativo da vivência Rastafári.

O foco principal da cosmologia e da organização política dos Bobo Shanti é a repatriação, ou seja, o retorno dos negros na diáspora para o continente africano. A partir dessa pauta, os Bobo Shanti demandam do governo jamaicano e dos estados-nação que tiveram protagonismo no tráfico transatlântico de escravizados a reparação pelos danos sofridos pela escravidão. O movimento Rastafári na Jamaica sofreu, desde sua gênese em 1930, severa perseguição pelas autoridades policiais da ordem colonial e do governo jamaicano, que buscavam conter as suas práticas e discursos anti-sistêmicos. No processo de desenvolvimento do movimento Rastafári e com o acúmulo de diversas lutas ao longo do tempo, a relação entre os Rastas e as autoridades governamentais mudou significativamente, com uma maior aceitação dos Rastas pela sociedade jamaicana. Ainda assim, as principais pautas dos Bobo Shanti, como o uso sacramental da cannabis, a autonomia territorial e de autogoverno e principalmente as demandas por repatriação e reparação, seguem marginalmente atendidas (FREITAS, 2018).

Embora considerado o mais importante acampamento Bobo Shanti, o fluxo de visitantes e o número de moradores na comunidade é a cada ano menor. Um dos principais motivos é, segundo eles, a dificuldade de acesso à comunidade, que está localizada em uma zona de guerra de gangues. A maioria dos taxistas não aceita a corrida para percorrer a íngreme e tensa subida até a comunidade, e é preciso encontrar um motorista que viva no território de Bobo Hill. Ao perguntar: “can u take me to Bobo Hill?”, os motoristas dos *route taxis* apenas balançavam o dedo enfaticamente em sinal de negação. Ao indagarmos o motivo, riam e desconversavam, sem nunca explicar o porquê. Mas sabíamos que o conflito se concentrava em torno de uma disputa política partidária por dominação de território eleitoral.

Alguns dias depois de minha primeira visita à comunidade, voltamos novamente. Dessa vez, já percebo na subida para Bobo Hill um clima mais tenso pelas ruas. É necessário pedir autorização a um homem que nos observa com desconfiança, mas que ao fim acena positivamente, aprovando nossa passagem. O motorista nos deixa no início da montanha, próximo a uma trilha, ponto a partir do qual continuamos a pé. Batemos na porta e esperamos algum dos *Priests* nos receber. *Priest* Morgan é nosso anfitrião nesse dia. A comunidade está movimentada. Na recepção do *camping*, onde fazemos a oração para entrar, está o *Priest* Morgan e o *Priest* Ikal, e travamos uma longa conversa em que Morgan conta sobre sua viagem de três meses ao Chile, em um encontro Rastafári. Me sinto bem recebida e mais à vontade do que da primeira vez, e pergunto sobre as várias fotos na parede, um pou-

co esgarçadas pelo tempo e pela poeira. Me respondem que são de alguns turistas que passaram por lá anos atrás. Conversamos um pouco sobre as imagens e, aproveitando o assunto, comento que sou fotógrafa e pergunto se eu poderia fotografá-lo. Ele diz que sim, com certa animação, ajusta com cuidado sua túnica e posa concentradamente. Ao ver sua imagem no visor, ele delineia uma expressão de surpresa e abre um grande sorriso. Em seguida, Priest Kourty diz que sou livre para fotografar o que quiser e exclama: “freedom”, sugerindo que eu circule pelo acampamento.

Passamos então por uma tenda onde acontecem as reuniões relacionadas à comunidade e chegamos à *International Kitchen*, único lugar público da comunidade restrito apenas àqueles ordenados na ordem Bobo Shanti e espaço predominantemente frequentado pelos homens, como observa Fernando Freitas:

Na cozinha, chamada de “International Kitchen”, a comida é preparada para dois momentos. O primeiro para ser comido antes do início do jejum e o segundo para a quebra do jejum no dia seguinte. O preparo da comida é feito pelos homens, que se voluntariam para participar, sobre a liderança do “kuk”, cozinheiro chefe e que coordena os processos da cozinha. As mulheres são proibidas de cozinhar devido ao tabu da menstruação que as considera impuras para o trato dos alimentos durante o período menstrual. O espaço retangular da cozinha é dividido em dois quadrados de igual tamanho, um com uma mesa comprida utilizada para tratar e preparar os ingredientes e outra com os “fogões” improvisados. Esses fogões são feitos de calotas reaproveitadas, apoiadas em estruturas de ferro, que funcionam como um forno em cujo centro se colocam carvão e madeira. Do lado oposto aos fogões está uma estrutura de canos de PVC que desvia a água em direção a tonéis vazios que funcionam como pias para lavar os ingredientes e utensílios. Logo ao lado desses tonéis, uma quantidade enorme de panelas de ferro de diversos tamanhos, completamente tomadas de uma cor de carvão preto (FREITAS, 2018).

Figura 2
Sala dos tronos reais.
Fonte: A autora, 2019.



Subindo um pouco além, até o ponto mais alto da comunidade, encontramos *Priest* Ikal, que nos convida a entrar em sua habitação, onde antes era a casa de *King* Emmanuel. Lá ele nos conta sobre um incêndio criminoso que ocorreu no ano anterior, e nos mostra um trono queimado, dentre outros objetos que foram salvos do fogo. Adentramos um pouco mais e chegamos a uma sala de tronos, que normalmente fica trancada, onde estão protegidas as cadeiras reais ocupadas no passado pelo Rei Emmanuel. *Priest* Ikal me diz que preciso falar da comunidade para as pessoas, mostrar as fotos, convidá-las para conhecer o lugar, pois tem sido difícil manter o espaço, uma vez que vivem de doações e o fluxo de visitantes e adeptos é cada vez menor. Ele me indica alguns elementos para fotografar, posa para a câmera e se impressiona com a imagem no visor. Depois de um tempo, ele se desculpa, diz que tem algumas tarefas a fazer e se despede de nós.

É sábado e enfim vou conhecer o *Sabbath*. Me visto toda de branco, com uma saia longa e um pano cobrindo os cabelos. As rezas decorrem desde as 5h da manhã. Chegamos para pegar as orações pós-almoço e participar da festa de celebração do aniversário de Marcus Garvey. Nos dirigimos ao tabernáculo, tiramos os sapatos, e um *Priest* que não conheço restringe minha entrada e diz que preciso ser checada por alguma *Empress*. Seguimos então para a recepção onde *Empress* Sharon aparece e anuncia: “yuh cyan go deh”⁶. E me explica que minha permissão para frequentar o acampamento era de apenas uma semana e que meu tempo acabou. Eu digo que minha menstruação ainda não chegou e ela me responde: “yuh cyan see it, but its deh”⁷. Ela pede então que eu a siga até o *women’s room*, salinha de isolamento das mulheres *unfree* onde eu poderia assistir à celebração do *Sabbath* à distância.

Empress Sharon parece ter se sentido na obrigação de me fazer companhia durante as longas horas da missa, como uma anfitriã, e permaneceu em pé ao meu lado conversando sobre a comunidade. Perguntei sobre a divisão entre homens e mulheres, e ela me explicou sobre as restrições relacionadas ao ciclo menstrual e à entrada na cozinha e participação no

6 Tradução livre: “Você não pode ir lá”.

7 Tradução livre: “Você não pode ver, mas ela está aí”.

Sabbath. Durante apenas uma semana no mês, as mulheres são autorizadas a participar das atividades. Essa questão, porém, parece ser assunto polêmico dentro da comunidade, e tem sido colocada em discussão por alguns *Priests* que pedem a flexibilização do tempo para duas semanas ao invés de uma, já que acreditam que esse também é um dos motivos pelo qual a comunidade tem cada vez menos visitantes.

Passamos horas intermináveis observando o *Sabbath* de longe, escutando os cânticos Rastafári, o som dos tambores e palmas no ritmo do coração que seguiam incansáveis com o cair da noite e o calor intenso. Passadas algumas horas, Empress Sharon me diz que tenho que conhecer sua amiga e me leva até o lado em que ficam as casas das mulheres, onde até então eu não tinha estado. Subimos por uma mata íngreme até uma casinha simples, com paredes de telha de amianto. Ela grita sua amiga, uma senhora que vem até nós. “Bless, Empress”, a reverencio. Então, Empress Sharon conta que sou brasileira e de repente diz: “she a take a picture of yuh”.⁸ Eu não estava esperando por isso. É interessante como a relação com a fotografia dentro da comunidade me surpreendeu, e como algumas pessoas travaram uma relação de demanda, expressando bastante interesse em serem fotografadas. Faço alguns retratos da Empress Phillys e em seguida fotografo as duas juntas, que posam orgulhosamente para a câmera.

Em seguida, retornamos ao lugar inicial, a salinha das mulheres impuras. O ritual estava sendo deslocado para o tabernáculo interno, e os homens adentraram para o acampamento. Empress Sharon pediu que eu arrumasse melhor o lenço no meu cabelo, pois algumas partes estavam à mostra, e me mandou segui-la. Eu não estava entendendo muita coisa, mas percebi que poderia participar daquela parte do *Sabbath*, no tabernáculo interno. Segui Empress Sharon e imitei seus gestos. Tiramos os sapatos, entramos no cercado, reverenciamos os *Priests* no altar “Bless, my Lord⁹.” Em seguida, pegamos um tapetinho trançado de cordas, ajoelhamos no chão com a mão esquerda no coração e a direita na terra, e fizemos uma oração individual. Levantamos, devolvemos o tapete, reverenciamos novamente os *Priests* no altar e o lado correspondente dos homens e só então seguimos

8 Tradução livre: “Ela vai tirar uma foto sua”.

9 Tradução livre: “Benção, meu Lorde” (título de nobreza Rastafári).

para o lado direito – lado das mulheres – onde passamos algumas horas em pé cantando e batendo palmas, seguindo os cânticos Rastafári. Quando o cansaço era já insuportável, reverenciamos a todos e descemos pelas escuras ruas de Bobo Hill.

No dia seguinte, voltamos a Bobo Hill e quando eu estava entrando na recepção, Priest Chris, um dos *Priests* mais poderosos e ortodoxos, disse que eu não podia entrar no acampamento. Fiquei um pouco confusa, pois havia entendido que a restrição só se aplicava à entrada no tabernáculo externo, uma vez que no dia anterior eu havia participado da celebração na parte interna do acampamento. Ele então explicou que eu não estava mais no período permitido, mas que ocorreu uma deliberação no dia anterior ao *Sabbath* entre os *Priests* para saber se eu poderia participar das orações internas, mesmo estando *unfree*, e decidiram que sim. Me desculpei e saí do acampamento junto a ele.

Figura 3
Empress Sharon. Fonte: A autora, 2019.



Considero interessante pontuar que as restrições ligadas ao gênero não são ponto de consenso, a teórica Rastafári Empress Joya afirma: “Eu respeito os princípios estabelecidos que governam Bobo Hill, mas acredito fortemente que alguns princípios são mal interpretados e precisam ser



Figura 4
Priest Ikal. Fonte: A
autora, 2019.

modernizados.”¹⁰ Como mencionei anteriormente, é notável a existência de um conflito interno em relação ao desejo de modernização versus a manutenção de uma postura ortodoxa.

Em minhas pesquisas, encontrei poucos registros fotográficos contemporâneos dessa comunidade, assim como escasso material visual, documental ou etnográfico, sendo, portanto, uma comunidade pouco conhecida fora dos círculos praticantes rastafáris. Apesar do curto tempo de contato e produção – definido sobretudo pelas regras de restrição às mulheres –, a mediação de meu companheiro e as relações de confiança estabelecidas antes de minha chegada foram definitivas para a boa recepção do processo fotográfico, que começou como uma proposição minha e acabou sendo estimulada pelos próprios integrantes do acampamento, que solicitavam o registro de diversos elementos da comunidade.

¹⁰ Texto original: I respect the set principles that govern Bobo Hill yet I strongly believe that some principles are misinterpreted and need to be modernized (MONTLOUIS, Nathalie. Lords and empresses in and out of Babylon: the EABIC community and the dialectic of female subordination. 2013. Tesis Doctoral. SOAS, University of London, p.218).

Figura 6

Priest Chris. Fonte: A autora, 2019.



Considerações finais

Na história da fotografia, observamos uma produção vigorosa que tem como ponto central a alteridade, em que o fotógrafo trabalha a partir de posições de poder desiguais ou identidades divergentes da sua¹¹. No entanto, muitos desses processos são realizados de forma pouco negociada ou violenta. Para pensar essas produções, tomo emprestada aqui a reflexão da artista e pesquisadora Michelle Sommer: “E aí fico pensando que, tão importante quanto as coisas que a gente consegue impulsionar e construir, são os aprendizados sobre as nossas próprias limitações” (SOMMER, 2019). Perar a partir da posição que ocupamos sem produzir uma prática vertical e apropriacionista aponta para uma prática de escuta e colaboração, que inclui o reconhecimento dos diferentes lugares de poder,

11 Alguns exemplos: Alexandre Sequeira, Bárbara Wagner, Claudia Andujar, Cristina de Middel, Diane Arbus, Dorothea Lange, Graciela Iturbide, João Roberto Ripper, Miguel Rio Branco, Paz Errázuriz, Pierre Verger, Pieter Hugo, Susan Meiselas, Sebastião Salgado, Sanne de Wilde, Viviane Sassen, Walker Evans, entre outros.

desejos e limites dos sujeitos envolvidos no processo, em um constante exercício de colocar-se em questão.

Não podemos deixar de citar fotógrafos que trabalham a partir de suas próprias comunidades e identidades, como Andre D. Wagner, Aline Motta, Edgar Kanaykô, Emilie Regnie, Etinosa Yvonne, Gê Viana, Helen Salomão, Malick Sidibé, Ofoe Amegavie, Prince Gyasi, Rahima Gambo, (entre vários outros), apontando novos caminhos para a produção fotográfica. Exemplos que estão permeados por uma identificação identitária em seus trabalhos, mas que em alguns casos continuam trabalhando com a presença de certa distância social, determinada por classe ou gênero.

Reconhecer a dupla faceta do dispositivo fotográfico, é compreender que, se de um lado ele é capaz de aproximar e criar relações, também pode oprimir e dominar.

É muito interessante pensar aqui em trabalhos de fotografia com a alteridade que surgem também de um movimento contrário, de demanda do próprio fotografado, em que a câmera profissional incita o desejo de ter uma imagem de qualidade, de se fazer visível e construir um espaço de aparição, como no relato trazido anteriormente, sobre o desejo expresso dos Bobo Shanti em terem sua comunidade registrada e visibilizada.

Não deixamos, no entanto, de refletir sobre as relações de poder que podem incidir também aí. Mas o tempo dilatado do trabalho de campo, a espera pela demanda da imagem, ao invés de uma insistência em retratar o *outro* apenas pelo próprio desejo, é um caminho interessante de produção. Sem perder de vista as negociações, constrangimentos e consensos envolvidos na prática.

Também ressalto a potente aliança entre a fotografia e outras disciplinas como a antropologia, com a qual se aprende a metodologia do trabalho de campo, do relato etnográfico e das práticas de pesquisa com a alteridade. Esses atravessamentos interdisciplinares permitem também que a fotografia extrapole sua limitação técnica, aliando-se à ação, à experiência construída, às práticas negociadas e executadas em um tempo dilatado.

A fotografia ocupa nesta pesquisa, desenvolvida em Bobo Hill, o papel de mediar mundos e passagens, articular saberes e levantar reflexões, produzindo pensamento e se afirmando em sua qualidade reflexiva, desencadeadora de experiências, acontecimentos e relações.

Apesar do caráter documental da série, a fotografia não ocupa um lugar exclusivamente atrelado à memória ou ao objeto, e a representação do real dá lugar à construção de sentido, construção essa que é feita em diálogo com aqueles que protagonizam a imagem. Quer dizer, a fotografia possui aqui uma espécie de agência. Desloca-se de um lugar autômato para ganhar uma qualidade ativa, que nos permite reformulá-la como ação, como agenciadora de acontecimentos.

Referências

FONTCUBERTA, Joan. O beijo de Judas: fotografia e verdade. Ed. Gustavo Gili, SL. Barcelona, 2010.

FONTCUBERTA, Joan. A câmera de Pandora: a fotografi@ depois da fotografia. São Paulo: G. Gili, 2012.

FREITAS, Fernando. Uma perspectiva contemporânea sobre o movimento Rastafári. RELIGIÃO E SOCIEDADE, v. 38, p. 2, 2018.

SOMMER, et. al Desilha em três vistas in FLORES; SOMMER org, p.28, 2019, p.33.

RICH, Adrienne. Notes toward a Politics of Location. Women, Feminist Identity and Society in the 1980's: Selected Papers, p. 7-22, 1984.

Recebido em 30 de setembro de 2023 e aceito em 1º de janeiro de 2024

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons.

